CADERNO DE LEITURAS N.114

kuír lom bist as

ago/2020

Cidinha da Silva
Daisy Serena
Kati Souto
Kika Sena
Nina Ferreira
tatiana nascimento

CURADORIA
tatiana nascimento

Nota da editora

tatiana nascimento foi convidada por Flávia Péret para fazer uma curadoria de textos de autoras negras para um número da coleção Caderno de Leituras. A resposta a este convite é *kuír lom bist as, ago/2020*, esta seleção de textos de mulheres negras LBTQIS que aqui publicamos. Agradecemos a cada uma destas mulheres, e em especial à tatiana nascimento.

O fantasma de Guayaquil

Cidinha da Silva

Os tamborzeiros de Santiago avisaram aos batuqueiros de Esmeraldas que naquela noite Iku faria uma grande ronda pela Terra. Quem compartilhasse daquela fé deveria cobrir a cabeça com o pano branco, acender as luzes da casa e tentar despachar o Senhor da Morte para longe de si e dos seus.

Não houve escuta para a mensagem dos tambores, impossível superar o desespero de tantas mortes como nunca havíamos experimentado, não daquela forma em que os corpos apodreciam dentro das casas ou eram jogados nas ruas, já que não havia serviços sanitários públicos ou funerários que vencessem a demanda.

Desamparados, orávamos todas as noites, juntos, mas cada um num canto da casa, para obtermos a graça de enterrar nossos mortos. Queríamos nos despedir, velá-los, dizer, numa cerimônia coletiva, o quanto representaram para nós; lembrar as histórias vividas, chorar juntos. Queríamos nos abraçar, nós que havíamos sobrevivido. Queríamos chorar, fraquejar e ser sustentados uns pelos outros.

Não pedíamos mais saúde e vida longa ao mundo da espiritualidade, apenas clamávamos pelo direito de enterrar nossos mortos. Que eles não se tornassem corpos putrefatos em casa, que não tivéssemos de abandoná-los nas ruas ou que tivéssemos nós de abandonar nossas casas e deixa-los lá, sozinhos, até serem resgatados. Que eles não fossem amontoados na casa dos mortos e que seu odor, somado a outros no mesmo estado de decomposição, atraísse urubus.

Orávamos para que nossos mortos não integrassem a lista dos milhares de corpos depositados em valas comuns, abertas e cobertas pelo trabalho de escavadeiras. Não queríamos ver pela TV os corpos de nossos mortos alinhados em buracos retangulares imensos, abertos por máquinas e cobertos de terra, sem flores, sem choro, sem orações, sem discurso de despedida e agradecimento.

Queríamos morrer e enterrar nossos mortos em honra e dignidade, durante cerimônias de encomendação do corpo, segundo nossas tradições. Essa era nossa oração naqueles dias, enquanto Iku, resoluto, executava sua missão.

depois que pedi delírio aos peixes

Daisy Serena

depois que pedi delírio
aos
peixes
    minha boca enrijeceu
antes mesmo
do desejo
  palatável

    sonhei a loucura
num
cardume
mordiscando
        minhas carnes
        minhas unhas
e do rasgo
sem seiva brotava
uma água

tão
densa

de fazer os peixes
se arrudiar
hipnóticos

feito bichos humanos
nas fogueiras
de junhos passados

depois do absurdo
ainda é
o absurdo
  meu corpo tremendo
  dez horas seguidas
para cada
dedo
abocanhado

depois do meu pedido
a praia
recolheu
    seus búzios
   como o roncó
recolhe seus filhos

depois que o desvario
tomou o litoral
  contavam-se
   barbatanas
pulsando plexos

pelos
canais

como quisessem
nos regalar um
    mistério
   em morse

que só um velho
faroleiro pôde
decifrar

(e se assombrou
do segredo)

depois de tanto depois
voltamos ao
minuto
incipiente

minha língua
      amarrada
caju-caqui

inventando
        enguias elétricas
        na torneira do
lavatório

numa cidade
sem praia

onde o

sol

desfez
-tiça
qualquer palavraria
entre as trincas
da boca árida

quando estar só
me fez pedir

delira!

a quem se pede
apenas a bença e
agô.

Terremoto

Kati Souto

um quarto de escuro e terremoto é te ter remoto.
eu em vc:
aproxima...
afasta...
aproxima...
afasta....
águas de mar remoto.
águas de fevereiro março abril maio junho julho
à gosto do querer.
o sal é o gosto de te ter.
te ver em milhões de pixels pra nunca mais esquecer
o amanhecer amadeirado
teu olharremoto é
meu andar acostumado.
o escuro de um quarto
e me misturo
me reconheço.
amanheço escuro e gosto
adormeço escuro e te gosto perto
te gosto preto.
eu me mereço.

*

dedos curtos
dedos todos juntos = grosso.
de ch(amo) de longe.
galhos caem & chuva me escorre.
“Vento forte que afasta morte” é meu desejo escorrido
entre os dedos.
pêlos começam a me encher o rosto.
facilmente me deito
remotamente me aqueço e
eu me mereço.
eu me refaço.
ocupo muito bem meu espaço feito um espeto de pau
na terra do ferreiro
feito um laço tão frouxo que aguenta até janeiro
aguenta veraneio aguenta a colheita aguenta o açoite
aguenta sangue espesso
eu me mereço.

[sobre minha corpa...]

Kika Sena

sobre minha corpa
escrita no tempo
escuta que acolhe
presente.
sobre as mudanças
viagem profunda no dentro de mim
memórias aparecem
talvez trazendo afago.
hoje, respeito cada pedaço
de tempo de vida
um barco em alto-mar
balança
se cair vira sereia
se sustentar
sabe segredos íntimos
intuição
respiro.
a corpa projeta caminhos desconhecidos
indica passos
e tem na pele pedaços
que foi essência
do fruto que hoje
já está árvore de manga madura:
reverencia armadura ancestral

acorda pra não esquecer
que vive
e que a infância
é a resposta para toda e qualquer angústia:
carvalho me disse/
sabe-se muito pouco dos azuis.

Ilha materna

Nina Ferreira

Amálgama azul marinho cobrindo meus pés
nessa ilha
punhado de terra onde alguém me esqueceu
[eu me esqueci]
onde abandonei minhas palavras
depois me despejei afundando lento por cada minúsculo grão
que forma o banco de areia...
onde o meu medo de ser inútil, eternamente desajustada, meu
medo de ter falhado antes de morrer ou
de ser feliz
brinca...
[corre de pique, à noite]
lá
monstras do mar cantarolando meu banzo praieiro
baleias dando sinal de já volto
viagem escamoteando minhas escoriações
recentes
ilha materna,
onde minha mãe não está...
e o sol se disfarça com tanta beleza e astúcia que
tudo que beira minha pele parece
casulo:
a própria baba transparente como o muco de uma ovulação;
minha própria coragem, desarmada

encostada no tronco duma árvore
pensando seus medos,
vertendo como a temperança suas lembranças...
lá
ilha materna onde eu
que venho à tarde, trazendo oposições vigorosas
que me arrisco a falar e fazer feito tudo fosse a montanha vermelha
e fresca de Potosí
que me recuso a ser cúmplice da paz constrangedora
na ilha materna eu me embrulho,
deito como peixe e abro meu peito côncavo-convexo...
não que lá eu sempre sorria, não
que lá eu me esqueça, mas
na ilha materna
eu me chamo.

Anu é um pássaro de Preto Aceso

tatiana nascimento

ê minha febre
anu preto deitando
meu Vento, alto,
longe, aceso

não tenho passado
(mas tenho tempo)

ê água do meu desejo
esquecida y transtornada
na fissura do teu bejo

o futuro é do outro
lado (canta que
te atr
avesso)

Agô, minha febre, anu
aceso em preto água
derr
amada do
meu desejo

presente meu manso
yin/quieto

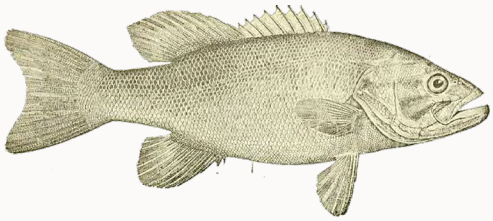
sem lastro
de fita (afeto
é um laço sem

nó
mas segura
assim mesmo)

desconheço medida

Agô, Pássaro Preto
solto no meu
Vento, Agô:

eu vôo
pq já sei
te pousar



Sobre as autoras

Cidinha da Silva

Belo Horizonte, 1967

Escritora e editora. Publicou 17 livros em diversos gêneros, entre eles: *#Parem de nos matar!*, *Um Exu em Nova York*, *Explosão Feminista* (ensaio), do qual é coautora. É editora da Kuanza Produções e do programa-web Almanaque Exuzilhar.

Daisy Serena

São Paulo, 1988

Mulher negra, mãe do Acauã, artista e ativista visual, poeta. Com estudos em sociologia e política na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Seu primeiro livro de poemas, *Tautologias*, foi publicado pela padê editorial, em 2016.

Kati Souto

Brasília, 1997

Poeta, sapatão não binárie. Publicou *Escura.noite* pela padê editorial; @soutokatito.

Kika Sena

Maceió, 1994

Arte-educadora, atriz, poeta e mãe; @sereiavulcanica.

Sobre as autoras

Nina Ferreira

Distrito Federal, 1990

Compositora, cantora, poeta e livre pesquisadora de imagens. Publicou o livro *Pérola marrom*, pela padê editorial. Faz parte do Coletivo Fissura, do Coletivo de Escritorxs LGBTS do DF – Celgbt/DF; @ninaferreira.mus.

tatiana nascimento

Brasília, 1981

Palavreira; @tatiananascivento publicou *esboço* (2016, padê, poesia), *lundu*, (2016, padê, poesia), *mil994* (2018, padê, poesia), *07 notas sobre o apocalipse, ou, poemas para o fim do mundo* (2019, garupa, poesia), *cuírlombismo literário: poesia negra lgbtqi desorbitando o paradigma da dor* (2019, n-1, ensaio), *um sopro de vida no meio da morte* (2019, macondo, ensaio), *leve sua culpa branca pra terapia* (2019, padê, ensaio), *Oriki de amor selvagem: todos os poemas de amor preto [ou quase]* (2020, padê, poesia).

Caderno de Leituras n.114
kuír lom bist as, ago/2020
Cidinha da Silva, Daisy Serena, Kati Souto, Kika Sena,
Nina Ferreira e tatiana nascimento

Coordenação editorial Maria Carolina Fenati
Editora convidada Flávia Péret
Curadoria tatiana nascimento
Coordenação de arte Luísa Rabello
Projeto gráfico Rita Davis

Composto em Zenon e UnB Pro

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, setembro de 2020

Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em www.chaodafeira.com

Projeto Caderno de Leituras, nº 0699, aprovado no Edital 2017
oriundo da Política de Fomento à Cultura Municipal (Lei nº 11.010/2016).

Realização

unibh